

1

CAPÍTULO

ORATÓRIA GREGA E ROMANA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ana Lúcia Magalhães

Ao depararmo-nos com a palavra oratória, é possível que nos venham à mente, de pronto, os modernos cursos divulgados nas diversas mídias e as centenas de livros que tratam do assunto. E, como estudantes da Retórica, a primeira pergunta que nos surge é se oratória e retórica seriam sinônimos ou estariam em instâncias diferentes, uma vez que, na Grécia antiga e Roma, falava-se em Oratória e Retórica.

Os estudos de retórica têm início com os sofistas, passam por Isócrates e Górgias, encontram crítica em Platão, para quem somente a Filosofia apresentava valor, continuam com Aristóteles e, com o declínio grego, têm estudiosos romanos

importantes como Cícero e Quintiliano. Continuam, de certa forma, na Idade Média, com o Trivium, embora restritos à retórica religiosa, e entram em decadência com o Iluminismo, que culmina no final do século XIX, início do século XX, restringindo-se ao estudo das figuras de linguagem.

O que nos incentivou a tentar um tratamento diferenciado da oratória em relação à retórica foram algumas pistas observadas em Górgias, Cícero e Quintiliano, além de conceitos modernos de que retórica seria a arte de argumentar por meio da persuasão, com finalidade, enquanto oratória seria a arte de falar em público.

Refletir sobre tais afirmações conduziu a mais dúvidas do que propriamente esclarecimentos. Dessa forma, algumas questões são colocadas: retórica e oratória, afinal, são semelhantes, diferentes ou complementares? A obra de Quintiliano, *Instituições Oratórias*, considerada relevante para a retórica, trata desta ou da oratória? E o que pensa esse autor sobre oratória e retórica? Cícero trata sobre o orador e suas obras trazem técnicas de bem falar, mas também são consideradas como verdadeiros tratados de Retórica...

Diante de tais questionamentos, torna-se necessário traçar um percurso histórico conceitual da oratória, mais precisamente até Cícero, embora possamos estender até os dias atuais, caso apropriado para verificar, tentativamente, possíveis diferenças ou semelhanças com a retórica, que ainda persistam.

Assim, as investigações terão início com os sofistas, seguirão o pensamento de Sócrates (por meio de algumas obras de Platão), Górgias, Platão, Isócrates, Aristóteles, Cícero e Quintiliano.

ORATÓRIA E PRÉ-SOCRÁTICOS: OS SOFISTAS

Os pré-socráticos, primeiros filósofos gregos, viveram entre os séculos VII e VI antes de Cristo e contribuíram para a ruptura entre o pensamento mítico e o racional. São assim denominados não porque tenham precedido a Sócrates, considerado o grande filósofo, mas porque transmitiam uma tendência de pensamento. Estavam também relacionados com filósofos que viveram na mesma época de Sócrates e até mesmo após. Embora a maior parte da obra dos pré-socráticos esteja perdida, os fragmentos que chegaram até a atualidade, associados aos comentários dos filósofos posteriores a eles, os mostram como pioneiros na busca pela explicação lógica e racional (*logos*) do mundo, das ideias, da razão de existir do homem, em contrapartida à crença sobrenatural, anterior, que contabilizava aos deuses os acontecimentos naturais, os sentimentos, as catástrofes, as guerras.

Destacam-se, entre eles, Anaxímenes, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Demócrito, Tales de Mileto, Pitágoras, Xenóvanes, Zenão, Epicuro, Empédocles, que buscavam o fundamento de todas as coisas, o princípio que rege a existência das coisas. Sem preocupação com a cronologia ou associação com o pensamento de cada autor citado, o princípio ora era o fogo, ora a água, ora os quatro elementos – água, ar, fogo e terra –, ora o átomo. Tais pensadores pertenceram a diferentes escolas, cada uma delas relacionada a uma pesquisa específica. Assim, na Escola Eleática, por exemplo, a pesquisa voltava-se ao espaço, movimento e eternidade. Embora esses filósofos tenham escrito sobre a natureza das coisas, Demócrito é o primeiro a escrever sobre ética e a Pitágoras atribui-se a responsabilidade pela criação da palavra filosofia como amizade à sabedoria, ao chamar a si mesmo como filósofo.

Além desses, havia os denominados professores itinerantes, que percorriam as cidades ensinando retórica aos interessados. Essa retórica possuía, como finalidade principal, introduzir o aluno na vida política e jurídica. O que mais se conhece a respeito deles está na obra de Platão e Aristóteles, principais adversários dos sofistas.

A palavra sofista significava originalmente sábio, mas adquiriu o sentido de desonestidade intelectual, principalmente por Aristóteles, que definia sofística como “sabedoria aparente mas não real”, pois os sofistas ensinavam a argumentar sobre qualquer tema, mesmo a partir de argumentos não válidos, ou seja, não buscavam a verdade. Segundo o estagirita, os sofistas pretendiam vencer as discussões a qualquer custo, pelo refinamento da arte da palavra, sem preocupação com a verdade que, segundo eles, é relativa conforme lugar e tempo em que o homem esteja inserido.

Como não havia um sistema de ensino superior, os jovens recorriam aos sofistas, que não eram e nem pertenciam a uma determinada escola filosófica: a sofística era, portanto, uma prática.

O pensamento sofístico incluía algumas características comuns: oposição entre natureza (imutável) e cultura (mutável); relativismo: tudo que se referia à vida prática – religião e política, por exemplo – poderia ser modificado; agnosticismo: certa descrença nos deuses; rejeição a questões metafísicas: estavam mais preocupados em solucionar questões da vida prática das cidades; antilógica: estratégia para defender uma posição e, depois, a posição contrária; habilidade em argumentar, essa última a que interessa mais a este trabalho.

Apesar da crítica efetuada principalmente por Aristóteles e Platão, o trabalho dos sofistas foi útil à época, pois era imprescindível desenvolver a habilidade de ar-

gumentar em público, defender os pontos de vista e convencer o interlocutor, o auditório, a respeito daquilo em que cada um acreditava ou a respeito, principalmente, da utilidade atribuída à determinada atividade que seria benéfica ao indivíduo.

Nesse contexto Protágoras é considerado por Platão um dos mais conhecidos sofistas. É dele a máxima: “o homem é a medida de todas as coisas, das que são como são e das que não são como não são” e o registro da técnica argumentativa utilizada pelos sofistas: é preciso aprender a argumentar pró e contra determinada posição, pois todas são verdadeiras.

PRÁTICA ORATÓRIA ATENIENSE

Quebrando um pouco a linha histórica, difícil de manter em um texto desta natureza, é preciso lembrar que, se a literatura é nosso melhor veículo de acesso à cultura e civilização gregas, essa literatura foi grandemente moldada pela retórica. Em Homero já aparece o gosto pela força da palavra. Desde então, a Grécia se preocupa com a arte de bem falar. *Ilíada* e *Odisseia*, obras literárias, contemplam conselhos, assembleias, discursos, assuntos de que trata este texto.

Quintiliano, mais tarde, se refere sem reservas a essa eloquência da Grécia heroica, reconhecendo, nela, a própria perfeição da oratória já a desabrochar.

Se falamos em literatura moldada pela retórica, retornamos à oratória. E Manuel Alexandre, em sua introdução à *Retórica*, de Aristóteles, afirma:

É a oratória antes da retórica; o que naturalmente supõe uma pré-retórica, uma ‘retórica antes que o conceito existisse’ bem anterior à sua definitiva configuração como ciência do discurso oratório. O mesmo se passa com os poemas elegíacos e líricos, que se nos apresentam impregnados de estruturas discursivas de inspiração retórica e intenção persuasiva (ALEXANDRE JR., 2005, p. 16).

Ainda segundo Alexandre Jr. (2005), é Péricles que estabelece a transição entre o período da eloquência espontânea e aquele da erudita, adulta, simultaneamente dialética e filosófica. É a ponte que liga o passado literário – Homero, Hesíodo, Safo, Ésquilo – espontâneo e poético, à Grécia reflexiva, da prosa, da história, da eloquência política, da filosofia e da ciência.

Foi na Sicília, no entanto, que a retórica teve sua origem como “metalinguagem do discurso oratório”, e aqui temos uma primeira e efetiva diferenciação entre oratória e retórica, palavras utilizadas indiscriminadamente em muitas circunstâncias. A partir da deposição de dois tiranos sicilianos (Gélon e Hierão, por volta de 485 a.C.), houve necessidade da utilização de grandes júris populares a partir do uso das faculdades orais de comunicação.

Tal ocorrência mostrou a necessidade de se criar uma “arte” que pudesse ser ensinada nas escolas e habilitasse os cidadãos a se defenderem e lutarem por seus direitos. Surgiram aí os primeiros professores do que se chamaria, mais tarde, retórica, cuja base podemos afirmar, sem preocupação maior, era a oratória.

A prática oratória grega desenvolveu-se, portanto, principalmente nas áreas política e jurídica. Era comum que partes interessadas defendessem pessoalmente seus casos nos tribunais, ou seja, não eram representadas por advogados. Não existia um ministério público. Havia, sim, um juízo privado, em que se apresentava a parte prejudicada e o juízo público, em que se manifestavam os demais cidadãos, ou seja, os indivíduos eram os próprios defensores e acusadores. Dessa maneira, quando não se sentiam seguros, podiam solicitar ajuda de algum amigo ou parente que preparasse um discurso mediante remuneração. Eles decoravam o texto e o utilizavam em sua defesa – ou em acusações.

Na área política, conforme Pernot (2016), o principal órgão era a assembleia, que exercia o poder executivo ao votar os decretos e eleger os magistrados e o conselho. Era composta por todos os cidadãos adultos e se reunia para decidir o que fosse necessário, após os discursos que apresentavam o assunto a ser votado. Em princípio, todos podiam tomar a palavra e o debate consistia de uma sucessão de discursos seguidos de uma votação.

Dessa forma, as próprias instituições atenienses fomentavam a atividade retórica. Era uma atividade quase cotidiana, se considerarmos a frequência com que as assembleias e tribunais se reuniam. Falar em público, na Atenas do século IV, constituía uma situação de comunicação que dificilmente se pode imaginar na atualidade. As condições materiais e acústicas eram precárias e as decisões precisavam ser imediatas e reais. A oratória era considerada atividade séria e importante, pois os indivíduos a exerciam sob juramento, normalmente acompanhada de ritos religiosos, e era essencial ao funcionamento da cidade-estado.

Persuadir, para os oradores, era uma necessidade. No tribunal, conforme mencionado por Pernot (2016), os debates não eram conduzidos por profissionais e não existia a noção de precedência, assim como não havia possibilidade de comunicação entre os jurados antes da votação (ARISTÓTELES, 1975). O veredito era determinado pela impressão produzida pelos discursos e pelas opiniões prévias dos ouvintes. Em outras palavras, os discursos condicionavam, em grande parte, a votação.

Outro tipo de rito oratório ocorria nos cemitérios: a oração fúnebre, pronunciada normalmente por ocasião dos funerais nacionais em homenagem aos soldados atenienses. Esse discurso também era considerado ato oficial, efetuado por

orador escolhido pelo povo. O conteúdo quase sempre se compunha de elogio aos mortos, seus ancestrais, e palavras de exortação e consolo aos familiares. Era comum celebrar a história grega por meio dos ancestrais e suas obras, além dos benefícios, das conquistas militares que o homenageado, de alguma forma, havia trazido para o país. Pernot (2016) afirma que é interessante perceber que, ao homenagear seus mortos, a cidade celebrava a si mesma, criava sua própria lenda e afirmava seus valores por meio de um discurso institucional e cívico: a oração fúnebre.

Górgias

Filósofo niilista, orador e retórico, viveu de 485 a 380 a.C. e pregou a descrença como razão principal, ou seja, nada existe de absoluto. Assim, não há verdades morais e nem hierarquia de valores. Embora seja interessante a forma como ele construiu seu niilismo, não vamos nos ater à filosofia, apenas ao que diz sobre a palavra: uma vez que não existe verdade absoluta, o homem apenas é capaz de, por meio das palavras, analisar uma mesma atividade que pode ser boa ou ruim, dependendo de quem a pratica ou da situação em que se encontra. As palavras, assim, são independentes e podem ser utilizadas para qualquer finalidade, e um de seus principais usos é a retórica, com objetivo de sugerir, fazer crer, persuadir os cidadãos, o que lhe garante grande utilidade política. É útil também na poesia, que não tem finalidade prática, mas artística.

É interessante notar que, segundo Górgias, a palavra adquire valor próprio porque não exprime a verdade, mas a aparência, e é capaz de criar, pela lógica (composição de fatos – *logos*) ou pela paixão e emoção (*pathos*), um mundo perfeito.

Sua obra *Elogio a Helena* pode ser lida em vários níveis, mas principalmente sob o ponto de vista retórico, a respeito de um tema particular, que interessa a este trabalho, e sob a ótica filosófica, que não vamos explorar.

O próprio Górgias, no parágrafo 21 do *Elogio*, ao dizer que seu texto é um jogo, assume o lado retórico sofístico, associado à não verdade:

Afastei pelo discurso a ingloria da mulher, e permaneci na regra que estabeleci no princípio do discurso: tentei destruir a injustiça da censura e a ignorância da opinião; quis escrever o discurso, por um lado, como um *elogio* de Helena, por outro lado, como um *jogo* meu (GÓRGIAS, 1978, p. 3, grifos nossos).

No momento em que Aristóteles, na *Retórica*, afirma que Górgias dizia – e corretamente – que é preciso destruir a seriedade dos adversários pelo riso, e o riso pela seriedade, trata justamente da construção e desconstrução de argumentos

pela palavra. Naturalmente é preciso conhecer a história de Helena para entender o que diz Górgias ou o que afirma Aristóteles. De qualquer forma, a personagem é criada pelo discurso e, por meio dele, Helena se torna inocente ou culpada. Para os sofistas, e particularmente para Górgias, não importa a verdade, mas a construção discursiva dela, ou seja, a verdade é a conformidade aos fatos. No grifo, percebe-se que, para o sofista, a verdade é estabelecida pela palavra, no discurso:

Ornamento, para a cidade: coragem; para o corpo: beleza; para a alma: sabedoria; para a ação: virtude; *para o discurso: verdade*. Os contrários dessas coisas: falta de ornamento. Homem, mulher, discurso, obra, cidade, ação, deve-se honrar com elogio o que for digno de elogio, e depor uma censura aos indignos. Com efeito, é um erro igual e uma ignorância censurar as coisas elogiáveis e elogiar as censuráveis (GÓRGIAS, 1978, p. 4, grifo nosso).

Devemos lembrar que Górgias possuía um estilo tão pessoal que os gregos criaram o termo “gorgianizar” para designar aqueles que falavam “à maneira de Górgias”. Esse estilo conquistou vários cidadãos de alta classe social, entre eles, Isócrates, que fundou a Academia, escola responsável por ensinar retórica ou oratória aos atenienses.

Platão, Sócrates e Górgias¹

O pensamento de Platão perpassa toda sua obra, naturalmente. Em *Górgias*, diálogo entre sofistas e Sócrates, Górgias é mostrado como o grande orador. Assim ele se define. É interessante acompanhar a construção do pensamento de cada um deles e, mais uma vez, vamos nos ater ao ponto de vista da retórica ou da oratória, conforme possa ser entendido.

O diálogo atinge o ponto nevrálgico deste artigo: o criador da maiêutica pergunta a Górgias o que ele é, qual sua profissão, qual sua arte. Inicialmente ele se define como orador (excelente orador, especificamente) e ao ser perguntado “por que modo deves ser designado, como profissional de que arte” (PLATÃO, [s.d.], p. 3), responde: “de retórica”. O próprio Sócrates solicita respostas mais específicas, pois faz certa distinção entre retórica e oratória: “[...] já que te apresentas como entendido na arte da *retórica* e também como capaz de formar *oradores*”. À pergunta “A respeito de que assunto ficaremos capazes de aconselhar a cidade se passarmos a estudar contigo, Górgias”, ele responde:

¹ Aqui, o artigo refere-se à obra de Platão, ou seja, à visão desse filósofo sobre o pensamento de Górgias, alguns sofistas e Sócrates.

Então, Sócrates, vou tentar revelar-te toda a força da oratória, pois tu mesmo indicaste o caminho com muita precisão. Creio que deves saber que os arsenais e as muralhas dos atenienses, e as construções do porto, em parte são devidas aos conselhos de Temístocles, em parte aos de Péricles, não a sugestões de construtores (PLATÃO, 1975a, p. 15).

A resposta anterior mostra que as palavras, a oratória, como chamada pelo orador, é mais poderosa que os fatos.

O diálogo entre Sócrates e Górgias pretende definir o que é retórica e, em alguns momentos, confunde o leitor, atribuindo a ela não a característica de arte, mas a conceitua como tática (de adulação) e chega a afirmar que os oradores, “tal como os tiranos, podem matar quem bem quiserem, confiscar os bens alheios ou banir qualquer pessoa” (PLATÃO, [s.d.], p. 19). Complementa que os oradores não têm bom senso e que a retórica é uma arte, não simples bajulação. A discussão do que seria retórica e oratória se estende por toda a obra, mas não vamos nos estender.

Górgias era célebre também por seu estilo. Guiado pela ideia de que o *logos* deve encantar e embelezar, escrevia uma prosa artística e com efeitos, embora não utilizasse a métrica do texto poético nem a música como acompanhamento. De qualquer modo, os textos antigos ressaltam o caráter poético do estilo de Górgias, com o uso de metáforas e antíteses, batizadas de figuras gorgianas. Embora ele não tivesse intenção de criar os termos técnicos que servem para designar as figuras de linguagem, é considerado o criador da prosa artística e o inventor do estilo gorgiano, caracterizado por efeitos audaciosos e vistosos.

Não vamos nos estender aos outros oradores (Tucídides, Antifonte, Cálicles, Polo), que aparecem em *Górgias*, mas há, nessa obra, uma discussão importante entre eles e Sócrates sobre oratória e retórica.

Considerando que a todo momento e nas suas demais obras Platão reforça o caráter de verdade como preocupação da Filosofia, percebe-se que ele não apreciava a retórica justamente pelo caráter de não preocupação com a verdade, a justiça, o bem.

Segundo Kennedy, Platão é considerado o maior escritor da prosa grega, “um mestre da estrutura, caracterização e estilo” (KENNEDY, 1980, p. 42). Embora os diálogos de Platão mostrem uma formação retórica bem cuidada, para ele, a verdadeira retórica seria aquela digna dos próprios deuses, ou seja, com princípios filosóficos, tendo em vista o estabelecimento da verdade. Esse era o grande conflito: retórica x filosofia.

Platão está, assim, na origem da aparente ambiguidade da retórica: a do *Fedro*, uma retórica filosófica; a do *Górgias*, uma retórica sofística.

Isócrates

Discípulo de Górgias, dedicou sua vida à retórica e ficou famoso por não pronunciar seus discursos, uma vez que sua voz era fraca e não possuía as características – garbo, apurmo, elegância – necessárias para falar a multidões. Não participava dos debates políticos, limitava-se então a ler sua obra em alguns espaços e publicá-las.

Começou como escriba e, alguns anos mais tarde, fundou uma escola de retórica, que dirigiu até sua morte. Escreveu discursos, entre os quais: *Contra os Sofistas* e *Elogio a Helena*, nos quais criticou seus rivais filósofos e outros professores de retórica. Mostrou ainda que era capaz de vencer os sofistas em seu próprio terreno. O *Panegírico* é sua obra mais famosa, espaço em que encontra seu estilo, o dos discursos helênicos e políticos que se ocupam dos grandes temas de interesse geral para Atenas e os gregos.

Além de tratar de assuntos políticos, sua obra constitui importantes buscas e inovações retóricas, principalmente problemas teóricos do discurso oratório, elaborados em discursos fictícios. Formula conselhos sobre política exterior e interior e publica discursos sobre fortunas, onde expõe seus conceitos sobre cultura intelectual.

Viveu quase cem anos e, ao final da vida, concluiu seu último discurso, o *Panatenáico*, obra completa e sutil com concepções políticas e retóricas que, segundo Pernot, são mostradas

por meio de dissonâncias, ambiguidades intencionais, digressões calculadas e da introdução de um personagem anônimo que o contradiz e concede a este testamento oratório um caráter polifônico inesperado (PERNOT, 2016, p. 56).

É, dessa forma, considerado o grande orador grego, sem ter exatamente executado a oratória.

Aristóteles

Aristóteles, filósofo grego que sistematizou a retórica, afirma ser ela a “faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” e reforça que “nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir”

(ARISTÓTELES, 2005, p. 33). Ao utilizar a expressão “nenhuma outra arte”, deixa claro que a considera também como arte, assim, podemos inferir que retórica, segundo o estagirita, é a arte de persuadir, embora seja necessário certo cuidado nas conclusões precipitadas, pois, mais à frente, ao citar as provas empregadas pela retórica, ele enfatiza que, dentre elas, “umas há que não dependem da arte, ao passo que outras dependem”:

Chamo provas independentes da arte todas as que não foram fornecidas por nós, mas que já preexistiam, por exemplo, os testemunhos, as confissões obtidas pela tortura, as convenções escritas e outras de igual espécie. Constituem provas dependentes da arte todas as que podem ser fornecidas pelo método e por nossos próprios meios (ARISTÓTELES, 2005, p. 33).

Temos estudado a retórica quase como sinônimo de oratória, mas conforme vimos, a oratória é anterior e Aristóteles a coloca em uma visão parecida à de Fedro: ela é semelhante à dialética no campo da demonstração, mas é também filosófica. A sua função, nesse aspecto, “não é persuadir, mas ver os meios de persuasão de que dispomos para cada caso” (ARISTÓTELES, 2005, p. 35).

É preciso perceber que não existem duas retóricas, uma sofística (Górgias, Platão) e uma filosófica (Fedro, Platão), mas um uso correto ou incorreto de suas técnicas. Aí se distingue o bom ou o mau orador.

Um parêntesis: ao praticamente “reescrever” a *Retórica* de Aristóteles, Perelman une os conceitos de valor da retórica em Platão (tudo é filosófico) com o valor para Aristóteles (âmbito retórico) e “insere a verbalização do próprio discurso filosófico no campo da retórica” (ALEXANDRE JR., 2005, p. 29).

Aristóteles, que aspirava ao universal, raciocina por meio das formas oratórias da Atenas do século IV a.C. e privilegia a fala dirigida aos cidadãos, na qual observa o discurso mais belo, mais político e mais difícil, em conformidade com o modelo institucional e ideológico da época.

Ao analisarmos a *Retórica*, podemos verificar que a obra está dividida em: Livro I: introdução e definições (capítulos 1 e 2); gêneros discursivos: deliberativo, judiciário e epidítico, temas e argumentos (capítulos 3 a 15). Livro II: provas lógicas e objetivas de cada gênero; provas subjetivas e morais, paixões (capítulos 1 a 11); adaptação ao auditório (capítulos 12 a 17); provas lógicas comuns aos três gêneros (capítulos 18 a 26). Livro III: estilo (capítulos 1 a 12); partes do discurso – exórdio, narração, argumentação, peroração (capítulos 13 a 19), ou seja, uma sistematização da retórica.

É possível dizer que a primeira parte do livro III da *Retórica* aborda muito proximamente a oratória, uma vez que trata sobre a expressão. Segundo o estagirita,

“não basta possuir o que é preciso dizer, mas torna-se também forçoso expor o assunto de forma conveniente: e isto contribui em muito para mostrar de que tipo é o discurso” (ARISTÓTELES, 2005, p. 241).

Após a análise da persuasão e do convencimento, das provas (*ethos*, *pathos* e *logos*) e da emoção, Aristóteles trata da disposição dos elementos no enunciado e, o que considera mais importante, dos aspectos referentes à pronúncia, que somente muito tarde foi observada na tragédia e na rapsódia.

O filósofo, ao tratar da retórica no livro III, faz questão de mencionar a importância das formas de emprego da voz – característica específica da oratória dos dias atuais – os tons utilizados (agudos, graves ou médios) e o ritmo. Dessa forma, considera três aspectos: volume, harmonia e ritmo.

Aqueles que, entre os competidores, empregam estes três aspectos arrebatam quase todos os prêmios; e tal como os atores têm agora mais influência nas competições poéticas do que os autores, o mesmo se passa nos debates deliberativos devido à degradação das instituições políticas (ARISTÓTELES, 2005, p. 242).

Aristóteles, na *Retórica*, cita qualidades do enunciado ligadas diretamente à oratória. Assim, trata a *clareza* como expressão da virtude suprema, ou seja, se o discurso não for claro, não cumprirá sua função; a *correção gramatical* como princípio básico da expressão enunciativa, com escolha correta das palavras e dos elementos de ligação entre as classes gramaticais; a *adequação do estilo ao assunto*, de maneira a exprimir *pathos* e *logos* de forma adequada; o *ritmo*, que deve buscar o equilíbrio e, por fim, certa *elegância*, caracterizada pela escolha da expressão adequada a cada gênero.

É preciso, porém, não esquecer que a cada gênero é ajustado um tipo de expressão diferente. Na verdade, não são a mesma a expressão de um texto escrito e a de um debate, nem, neste caso, oratória deliberativa é a mesma que a judiciária. Efetivamente é necessário conhecer ambas: uma para sabermos expressarmos-nos corretamente, outra para não sermos forçados a permanecer em silêncio se quisermos dizer algo aos outros, que é o que sucede aos que não sabem escrever (ARISTÓTELES, 2005, p. 275).

Uma das características da oratória grega, portanto, é o estilo ou expressão, retomados por Cícero e Quintiliano, mais tarde, respectivamente nas obras *Orador* e *Instituições Oratórias*, que comentaremos nas próximas seções.

O estudo do estilo implica um conhecimento dos meios do estilo, ou seja, os diferentes elementos que o constituem em seu conjunto e que contribuem para a qualidade global do discurso: a escolha das palavras, o ajuste delas entre si ou ritmo,

e as figuras a que correspondem no texto. O uso das figuras, aliás, retoma o campo da oratória conforme idealizada por Górgias, que primeiro utilizou essa forma discursiva, recuperada por Aristóteles na *Retórica* e na *Poética* (principalmente a metáfora). Outras figuras são utilizadas: metonímia, prosopopeia e anáfora.

Em resumo, conforme Pernot (2016, p. 101),

O marco principal da prática da oratória grega era a cidade, de onde a retórica era útil a todos os atos da vida política que se realizavam com o concurso do discurso público: deliberações, eleições, arbitragens, relações com as demais cidades, com as estruturas federais e com as superpotências. [...] os debates eram frequentemente acalorados e imprevisíveis.

A retórica, dessa forma, não era uma técnica desligada do mundo e, conforme visto, tinha o objetivo de preparar as elites para sua atividade pública.

Embora tenham sido vencidos pelos romanos em 146 a.C., sua retórica e oratória não morreram aí: *Graecia capta ferum victoriam cepit* (Horácio), a Grécia conquistada conquistou seu selvagem vencedor.

ORATÓRIA NO PENSAMENTO ROMANO

Cícero

Nos primeiros tempos da história romana, sob a Monarquia, o discurso tinha uma importância reduzida. Tratava-se de um regime austero, em que os senadores trabalhavam a terra, ou seja, eram agricultores. O regime da República desenvolveu o uso institucional da palavra diante dos principais auditórios: Senado, com 300 membros, inicialmente, e povo, bases do Estado. Embora o Senado tivesse pouco poder de decisão, exercia funções essenciais, como política externa e importantes competências religiosas e financeiras, e intervinha nas áreas legislativa e executiva. As sessões não eram públicas, ao contrário do que ocorria na Grécia.

Os oradores se sucediam de acordo com uma ordem determinada, seguiam uma lista hierárquica e não podiam ser interrompidos após iniciarem seus discursos. Com relação aos assuntos jurídicos, a jurisdição criminal era inicialmente exercida pelo povo e passou a ser delegada a jurados especiais ainda no século II a.C., grande cenário da eloquência judicial.

A principal figura da eloquência judicial era o chamado patrono, que possuía vínculo social com seus clientes. Dessa forma, todos os aspectos da vida política romana exigiam o domínio da palavra. A eloquência era uma das condições do poder e era exercida também nos discursos laudatórios, durante os elogios fúnebres, por ocasião do falecimento de pessoas importantes.

Cícero viveu entre 106 a 43 a.C. e tem seu nome associado ao esplendor da retórica helenística e romana. Não se contentou em ser político e orador, e seguiu o modelo de Aristóteles, grande retor grego. Foi, assim, teórico, historiador e filósofo da arte retórica e exerceu papéis importantes. Sua carreira oratória se estendeu por quase quarenta anos desde seu primeiro discurso até a morte.

A obra *O Orador* é um longo tratado, na forma de diálogo, sobre o orador ideal. Apresenta detalhes interessantes e também contém discussões úteis sobre a natureza e as relações entre direito, filosofia e retórica. Cícero coloca a retórica acima da lei e da filosofia, argumentando que o orador ideal é aquele capaz de dominar tanto a lei como a filosofia (incluindo a filosofia natural) e de acrescentar-lhes eloquência. Argumenta que a filosofia e a retórica foram anteriormente ensinadas em conjunto e que felizmente foram separadas. O melhor orador também seria o melhor ser humano, que compreenderia a maneira correta de viver, exerceria um papel de liderança na política e instruiria os outros por meio de discursos, do exemplo de vida e das boas leis.

Segundo Steel (2016), a reputação de Cícero esteve em baixa no início do século XX e mudou devido a uma série de novas abordagens de seus escritos, que revelaram sua profundidade e originalidade. Ao fazê-lo, iluminaram de forma mais ampla a cultura intelectual e social do que se costuma chamar de República romana tardia (146-27 a.C.).

Os discursos de Cícero mantiveram seu espaço de forma mais robusta do que seus outros escritos e vários trabalhos sobre esses discursos levaram à reavaliação desse autor. Existem os que exploram os contextos físico e social, os que mostram as práticas sociais dos cidadãos romanos e aqueles que se apropriam dos aspectos performativos da retórica de Cícero.

Seus tratados emergiram de um longo período como fontes de filosofia. A originalidade de Cícero como filósofo tem sido tema recorrente e suas cartas foram exploradas como exemplos de persuasão.

É preciso enfatizar os cinco cânones da retórica elaborados pelo autor e introduzidos pela primeira vez em *De Inventione*, importantes na organização e domínio da oratória (principalmente) e da retórica, vitais para o sucesso dos discursos, apresentações ou mesmo relatórios modernos no ambiente corporativo. Embora o estadista romano Marcus Cícero tivesse apenas dezenove anos quando escreveu seu trabalho original sobre o assunto, passou a vida remanescente reinventando as ideias sobre como dominar a retórica por meio dos cinco cânones que identificou nesse primeiro trabalho: Invenção, Disposição, Elocução, Memória e Ação.

Sua intenção, ao desenvolvê-los, foi a de facilitar o discurso, não torná-lo mais difícil. Antes da ideia de organizar discursos, escritores e oradores na sociedade romana não tinham um método para criar seu trabalho. Um poeta, por exemplo, não possuía estrutura em seus textos; discursos não apresentavam introdução ou conclusão. Os cânones de Cícero forneceram um padrão claro, facilmente seguido e reconhecido em muitas formas diferentes de oratória e de retórica.

Cícero apresentou opiniões importantes sobre o uso da retórica. Uma das suas ideias mais famosas foi a de que a língua (que representa a fala) e o cérebro (que representa análise e planejamento) devem se unir e agir como uma força, e não se separar em diferentes métodos de ensino com base em qual deles poderia apresentar melhor ou adquirir mais conhecimento. Como escritor, não pretendeu que os cânones resultassem em discursos empolados, mas mostrou que os esforços para organizar, definir estilo e entregar a prática resultam em um discurso retórico mais fluido e espontâneo do que teria sido sem cuidadoso estudo e igualmente criterioso emprego de cada cânone. Além disso, esses cânones forneceram método e organização para a retórica, características antes inexistentes.

A obra *Brutus*, diálogo com o filho, é exemplo de texto didático sobre retórica. As respostas a cada questão são muito claras e ensinam de forma fácil o que é perguntado, quase como se fosse um conhecimento trivial. Isso mostra a capacidade do orador, do retórico e do filósofo, sintetizadas na facilidade para o ensino. Trata da eloquência romana, a começar por Aristóteles, cita vários oradores romanos importantes e analisa em detalhe as características de suas eloquências.

É importante mencionar que o trabalho de Cícero foi publicado durante a época dourada do Império Romano. Nesse período, os estudiosos romanos procuraram emprestar mais peso ao estilo e ao arranjo do seu trabalho, a fim de envolver plenamente o público e controlar os discursos por eles proferidos.

Não se pode desconsiderar que a figura do orador ideal, conforme o pensamento de Cícero, em retórica, precisa sobreviver não apenas no plano moral e intelectual (com sabedoria virtude), mas também político (dirige o Estado) e religioso (é “divino” e parece “quase um deus”).

As obras *O Orador* e *Orador* têm a intenção de superar a arte retórica para encarnar na figura de quem exerce a oratória. Fica a pergunta se existiria tal orador. O “orador supremo” de Cícero é um ideal no sentido das ideias platônicas, mas Cícero, que não era modesto, provavelmente pensava em si mesmo quando se referia a essa figura “suprema”.

Quintiliano

Durante os pouco mais de cem anos que decorreram entre a morte de Cícero e o nascimento de Quintiliano houve, em todo o Império Romano, grande expansão da educação, que teve como finalidade e clímax a retórica. No Império Romano tardio, a cultura era adquirida com a exclusiva finalidade de desenvolver habilidade em falar, a principal qualificação para uma carreira pública.

Em Roma e nas províncias, instrução sobre retórica e exercícios correspondentes, tanto sob o ponto de vista da retórica grega quanto da retórica latina, foram amplamente promovidos em todas as partes do Império, sempre financiados pelo poder público. As apresentações dos jovens oradores despertavam grande interesse popular. Na Gália, Espanha e África, essas atividades foram realizadas com intensidade ainda maior do que em Roma. A força da novidade fez com que a produção cultural nas províncias ocidentais fosse mais significativa que nas terras esgotadas da Itália e do Oriente. Durante a vida de Quintiliano, que era espanhol, os homens nascidos na Espanha dominavam as escolas e a literatura latina. Pouco tempo depois da sua morte, o trono imperial foi, pela primeira vez, ocupado por um espanhol: Trajano.

Como orador, professor e autor, Quintiliano trabalhou para conter a onda de gosto popular da chamada Era de Prata da literatura latina, criticada justamente pelo ensino um tanto confuso da retórica. Na sua juventude, a influência de Sêneca era dominante, mas o principal professor de Quintiliano era um homem de outra natureza, Domitius Afer, que se aventurou a classificar como de mesmo nível dos antigos oradores de Roma.

Quintiliano, no entanto, devia mais aos mortos do que aos vivos. Seu grande modelo foi Cícero, a quem sempre se referiu com admiração e cujas falhas ele raramente mencionava. No entanto, a reação contra a oratória de Cícero, que começou com ele ainda em vida, adquiriu força irresistível após sua morte. Quintiliano não conseguiu vencer tal tendência. O estilo antigo era condenado como fraco, por exemplo por Tácito, que em seu *Diálogo sobre Oradores* inclui Cícero entre os homens de antiguidade rude e “desordenada”.

Nos tribunais, juízes, jurados e público exigiam o que era surpreendente, pitoresco ou epigramático e os oradores praticavam truques para satisfazer essa demanda. A oratória tornou-se, acima de tudo, uma arte cujo objetivo principal era esconder. Não é estranho, então, que os esforços forenses de Quintiliano não tenham produzido, para ele, reconhecimento em vida.

A obra *Institutio Oratoria* é um longo protesto contra os gostos da época. Começando com a máxima de Catão, o Censor, de que o orador é “o bom homem

habilidoso em falar”, Quintiliano mostrava como tal bondade de caráter e habilidade em falar começava com o futuro orador ainda criança. Quintiliano sustentou que nenhum detalhe da educação e treinamento na infância ou juventude é insignificante — as partes do trabalho que se relacionam com a educação geral se tornam, assim, de grande interesse e importância. A *Institutio* foi publicada 140 anos depois de *De Oratore*. Baseava-se nas experiências de Quintiliano quanto à ocupação de uma “cadeira pública (*publicam scholam*)” em retórica latina. Ele costuma ser descrito como “Professor de Retórica”.

Devemos escrever não só de modo a que seja possível ao leitor nos entender, mas também para que a ele seja impossível não nos entender. [...] Em escrever estão as raízes, em escrever estão os fundamentos da eloquência. Quando se escreve, os recursos são armazenados como se estivessem em repositório sagrado, de onde podem ser alcançados em emergências ou quando as circunstâncias assim o requererem (QUINTILIANO, 1836, p. 325).

Quintiliano postulava a cultura mais ampla: não há forma de conhecimento a partir do qual algo não possa ser extraído para o propósito de formar um grande orador. Quintiliano foi um pioneiro do método na educação. Ridicularizava a moda da época, imediatista e que produzia a mediocridade a partir da declamação nas escolas, com a natureza e a realidade esquecidas. Ao mesmo tempo, desenvolveu todos os aspectos técnicos da retórica com uma plenitude que possivelmente não encontra paralelo na literatura antiga. A leitura de Quintiliano, para o homem moderno, apresenta-se mais fácil que a de Aristóteles e Cícero.

O título da *Institutio Oratoria*, que pode ser traduzido como “A Educação de um Orador”, o separa de manuais mais restritos voltados às artes retóricas. Para Quintiliano e Cícero, um orador não era simplesmente alguém versado na limitada arte da retórica, mas, nas palavras de Quintiliano, um homem dotado de instrumentos suficientes para levar:

uma vida reta e honrada [...] [um] cidadão ideal, apto a assumir sua parte na condução dos negócios públicos e particulares, capaz de governar cidades por meio do seu sábio conselho, de estabelecê-las sobre uma fundação segura de boas leis e de aprimorá-las através da administração imparcial da justiça (QUINTILIANO, 1938, p. 5).

Dessa forma, podemos entender o aspecto educativo da obra de Quintiliano que, diferentemente de Cícero, estava preocupado com o ensino da oratória para além do bem falar: incluía a justiça como forma de aprimoramento retórico, a exemplo de Aristóteles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que tecemos sobre retórica e oratória, acreditamos poder responder, ao menos em parte, nossas questões de pesquisa. À primeira delas, se oratória e retórica são sinônimos, pode-se ponderar que atuam no mesmo espaço, mas estão em campos diferentes. Enquanto a oratória é, nas palavras de Górgias, reveladora de toda a força discursiva, a retórica é mais abrangente, pois é arte. Foi na Sicília, na verdade, que a retórica teve sua origem como “metalinguagem do discurso oratório”, e aqui aparece uma efetiva diferenciação entre oratória e retórica: uma é linguagem; a outra vai além da linguagem.

Cícero, que viveu quase cem anos, ao final da vida concluiu seu último discurso, considerado testamento oratório de caráter polifônico. A resposta anterior mostra que a oratória, como chamada pelo orador, pode ser mais poderosa que os fatos. O tema central de sua obra *Orador* é a prosa rítmica, sistematizada no livro, em uma reflexão que começa no parágrafo 140 e vai até o final, no parágrafo 280.

O diálogo entre Sócrates e Górgias pretende definir o que é retórica e, em alguns momentos, confunde o leitor, atribuindo a ela não a característica de arte, mas a conceitua como tática (de adulação) e chega a afirmar que os oradores, “tal como os tiranos, podem matar quem bem quiserem, confiscar os bens alheios ou banir qualquer pessoa” (PLATÃO, [s.d.], p. 19). Complementa que os oradores não têm bom senso e que a retórica é uma arte, não simples bajulação. A discussão do que seria retórica e oratória se estende por toda a obra, e deixa a impressão de que a oratória é o exercício da retórica. Não se pode, contudo, afirmar.

Embora o título “Instituições Oratórias”, de Quintiliano, tenha explícita a palavra oratória, trata desta, mas é também um tratado de retórica. O mesmo se diz da obra de Cícero, considerado o gênio da oratória, o grande orador, mas também retor, uma vez que tratava da justiça.

A habilidade em falar, em discursar, em dar voz ao pensamento é do âmbito da oratória. O trato mais profundo desse discurso, todo o trabalho aristotélico, a sistematização teórica e o que subjaz à oratória é atribuído à retórica.

Importante salientar que existe um elo importante entre a oratória e a atividade docente, considerando que esta se utiliza daquela todo o tempo. Além do mais, tal elo é sugerido por um conjunto de resumos de declamações, geralmente atribuído a Quintiliano, conhecido como *Declamationes minores*. Mesmo desconsiderando-se a autoria, mais da metade das declamações ali constantes são acompanhadas por um *sermão* que, entre outras coisas, compreende sugestões práticas para a elaboração e apresentação de um argumento, ou seja, a forma de colocar em prática a retórica: o exercício da oratória.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE JR., Manuel. *Prefácio e Introdução à Retórica*. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. revista. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. p. 9-64.
- ARISTÓTELES. Política. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1975.
- _____. *Retórica*. 2. ed. revista. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- CÍCERO, Marcus Tullius. *De oratore*. Dulles, USA: Intl Pub Marketing, 2003.
- _____. *Brutus e A perfeição oratória*. Tradução de José R. Seabra Filho. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2006.
- GÓRGIAS. *Elogio a Helena*. Tradução de Maria Cecília Coelho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1978.
- KENNEDY, George Alexander. *Classical rhetoric and its Christian and Secular Traditions from Ancient to Modern Times*. Chapel Hill, USA: University of North Carolina Press, 1980.
- PERNOT, Laurent. *La Retórica en Grecia y Roma*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2016.
- PLATÃO. *Fedro*. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1975b. p. 57-126.
- _____. *Górgias*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Disponível em: <<http://www.100medo.com.br/documents/LIVROS/Gorgias.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2017.
- QUINTILIANO, Marcus Fabius. *Instituições Oratórias*. Tradução de Jeronymo Soares Barboza. Coimbra, PT: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1836.
- STEEL, Catherine. Cicero and the power of Rhetoric. *History Today*, v. 66, issue 3, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.historytoday.com/catherine-steel/cicero-and-power-rhetoric>>. Acesso em: 27 ago. 2017.
- VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves; OLIVEIRA, Jane Kelly de. Alguns apontamentos sobre Cícero tradutor de poesia. *Scientia Traductionis*, n. 10, p. 133-140, 2011.